

Reflexão XI

Do projeto de Deus ao programa de Jesus de Nazaré (3)

A homilia continua....

Jesus de Nazaré, sentado numa pedra, ensina no alto do monte. Vamos continuar a escutá-lo, pois o que diz é para nós. E tudo é muito claro. Talvez tão claro que muitos prefeririam não ouvir. Continuemos com “autorização” de Jesus de Nazaré e seguindo a sua proposta de programa para a Vida, a “desembrulhar” o que nos diz o Sermão da Montanha, o Mundo querido segundo o coração do Deus de Jesus de Nazaré e nosso Deus. A homilia de hoje precisa de uma pequena introdução. São várias as palavras e expressões que dão centralidade a estes 17 versículos (21-37) do capítulo 5 do Evangelho de Mateus: Geena, vai primeiro, procurai primeiro, homem e mulher iguais desde a Criação,

Não podemos passar adiante sem perceber o que significam, o que nos querem mostrar.

Jesus de Nazaré continua a convocar-nos para o entendimento do que é o Reino de Deus já a acontecer aqui na terra. Oxalá não nos passe ao lado....

Recordemos a sessão nº 12 - A simbologia e os significados na Bíblia (6)

.....

Geena e confusão com “fogo do inferno” na Bíblia

A Geena (do grego *geenna*, γέεννα) é mencionada 12 vezes na Bíblia. Embora essa palavra seja vertida como “inferno” em algumas traduções da Bíblia, a palavra “Inferno” nem mesmo existe nos textos originais da Bíblia (escritos em Aramaico, Hebraico e Grego). A palavra “Inferno” que hoje conhecemos, origina-se da palavra latina “Inferus” ou “Infernus” que significa: “lugares baixos” ou “regiões inferiores”. O conceito de um lugar de castigo eterno pelo fogo espiritual foi combinado com a profecia de Jeremias, do mal contra o vale (Jeremias 19,2-10) desenvolveram uma crença em um lugar de punição espiritual para o qual o nome terrível Geena foi dado. Gaster (BID) sugere que a aplicação do nome da cidade segue a analogia do uso de tais lugares palestinos como Armageddon (Apocalipse 16,16; Zacarias 12,11), Jerusalém (Gálatas 4,26; Apocalipse 21,2), ou Sodoma (Apocalipse 11,8) para conceitos espirituais. Isso pode ser visto a partir da literatura judaica que a ideia era prevalente (Enoch 10,12-14): “[Os pecadores] serão levados para o abismo de fogo na tortura e na prisão serão presos por toda a eternidade.” Cf. também Enoch 18,11-16; 27,1-3; Judite. 16,17; II Esdras 7,36, Sir 7,17; Oráculos de Sibillino 1, 10,3; IQM ,8; Talmude, Aboth 1,6; Assunção de Moisés 10,10. Alguns escritores judeus achavam que as pessoas escolhidas seriam isentas e que a duração seria limitada. Filo, no entanto, ensinou que os judeus ímpios serão punidos também e eternamente (De Praem. Et Poen. 921). A natureza espiritual do inferno é corroborada pelo facto de que ela foi colocada no terceiro céu (Ascensão de Isaías 4,14; II Enoch 40,12; 41,2). A apocalíptica judaica supunha que este vale se tornaria, depois do juízo final, o inferno de fogo. (Enoque Et. 90,26-27; 27,1 e segs.; 54,1 e segs.; 56,3, 4. Desta forma, o nome Geena veio a ser aplicado ao inferno de fogo escatológico de modo geral, mesmo quando já não se localizava em Jerusalém (e.g. 2 Ed 7,36; Bar. Sir. 59,10; 85,13; Sir 1,103).”

– COENEN, Lothar & BROWN, Colin.

Na Bíblia latina, a palavra “inferno” foi usada para representar o termo hebraico equivalente a “Sheol” e os termos gregos “Hades” e também “Geena”. A maioria das versões em idioma português seguem o latim, e elas não fazem distinção do original hebraico ou grego, podendo assim, trazer problemas de entendimento de textos bíblicos e até mudar alguns contextos do que o autor bíblico realmente quis empregar. A Geena não é a mesma coisa que o inferno (em hebraico, sheohl, e em grego, hades). Jesus usou a Geena como símbolo de destruição eterna. (Mateus 23,33) Ele disse que na Geena “o gusano [ou larva] não morre e o fogo não se extingue”. (Marcos 9,47-48) Com essas palavras, Jesus se referiu às condições no vale de Hinom e também à profecia de Isaías 66,24, que diz: “E realmente sairão e olharão para os cadáveres dos homens que transgrediram contra mim; pois os próprios vermes sobre eles não morrerão e o próprio fogo deles não se apagará.” A ilustração de Jesus descreve, não a tortura, mas uma aniquilação total. Os vermes e o fogo consomem cadáveres, e não pessoas vivas.” Tornou-se o depósito de lixo comum da cidade, onde se lançavam os cadáveres de criminosos, e as carcaças de animais, e toda outra espécie de imundície.”

— Smith’s Dictionary of the Bible (Boston, 1889, Vol. 1, p. 879.),

“Entre os judeus, havia três níveis de culpa, tratados pelos tribunais próprios e com julgamento próprio. A condenação mais severa era a que determinava o lançamento do corpo no vale de Hinom ou Geena, porque mostrava a grande desgraça da pessoa, ilustrando assim a gravidade do crime.”

– CHAMPLIN. R. N.. O Novo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo. Mateus. Volume 1. Página 311. Editora Hagnos. 2ª. Edição. 2001.

A partir destas três transcrições de obras consagradas, comentemos:

1. *Jesus nos Evangelhos diz-nos: “Não queirais que a vossa vida vá parar ao fogo da Geena, onde o fogo arde sem cessar. Aí há choro e ranger de dentes”.*
2. *Nunca Jesus quis falar em “inferno” como muitas traduções da Bíblia, em particular do NT nos apresentam. A Geena é um lugar na encosta do Monte Sião na capital Jerusalém, ao contrário do inferno;*
3. *Geena era a lixeira da cidade de Jerusalém na encosta do Monte Sião até ao vale, conhecido por “Vale do Filho de Hinom”). É um vale em torno da Cidade Antiga de Jerusalém, e que veio a tornar-se um depósito onde o lixo era incinerado e onde se lançavam os cadáveres de pessoas que eram consideradas indignas, restos de animais, e toda outra espécie de imundície. Também as vísceras dos animais dos sacrifícios e holocaustos do Templo de Jerusalém. Usava-se enxofre para manter o fogo aceso e queimar o lixo. Jesus usou o nome e o significado deste vale como símbolo da destruição eterna do homem a quem Deus desejou a salvação.*
4. *Jesus nunca está a falar de condenação, pois não está a falar de inferno. Pode ser muito grave para ti, pois és tu que estás a estragar a tua vida, com os teus procedimentos, a ponto de a destinares à lixeira.*
5. *Já sabemos que o entendimento duma vida para a lixeira não é opção de Deus. Nós fomos criados com um projeto de vida para atingir a salvação, a plenitude, a vida plena e eterna. Não fomos criados para ir parar à lixeira. Mas a liberdade que Deus nos dá pode conduzir-nos a uma opção humana de condenação – de nada servirmos para além de sermos lixo.*
6. *Ainda mais esclarecedor: “A vida é demasiado breve para que se bebe mau vinho” – Johann Wolfgang von Goethe ou, como a vida do homem na terra é breve, não estraguemos tudo: “Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. Sede solidários com os cristãos nas suas necessidades e aperfeiçoi-vos na prática da hospitalidade” (Rom 12, 12-13)*
7. *Esta associação do “fogo do vale da Geena” ao “fogo do inferno”, tantas vezes tratado na arte pictórica chegou e mal, até à catequese. É terrível o medo transmitido às crianças e adolescentes, quiçá aos adultos, em vez de lhes ser explicada a construção do bem e valor da vida humana na sua pujante vocação para o amor. Deus, o Pai, Amor, mostra-nos em Seu Filho Jesus de Nazaré que, na hora da decisão entre matar ou morrer, prefere morrer. Mostrou-o claramente no momento cru(z)cial.*

.....

Agora a homilia para os versículos 21-37 (com as limitações interpretativas da visão de um homem comum, procurando interpretar a homilia do verdadeiro Homem):

Mt 5, 21-37

²¹«Ouvistes que foi dito aos antigos: *Não matarás*, e aquele que matar será réu no juízo^[10]. ²²Mas Eu digo-vos: todo aquele que se irar contra o seu irmão será réu no juízo; e aquele que disser a seu irmão "Imbecil!" será réu no sinédrio^[11]; e aquele que lhe disser "Louco!" será sujeito^[12] à Geena do fogo^[13]. ²³Portanto, se, ao apresentares a tua oferta sobre o altar, aí te lembrares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, ²⁴deixa aí a tua oferta diante do altar e vai reconciliar-te primeiro com o teu irmão, e então virás apresentar a tua oferta. ²⁵Sê benévolo com o teu adversário, sem demora, enquanto estás com ele no caminho, não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz ao guarda, e sejas lançado na prisão. ²⁶Amen te digo: não sairás de lá até que restituas o último cêntimo». ²⁷«Ouvistes que foi dito: *Não cometerás adultério*. ²⁸Mas Eu digo-vos: todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar já cometeu adultério com ela no seu coração^[14]. ²⁹Se o teu olho direito é para ti motivo de escândalo, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado na Geena^[15]. ³⁰Se a tua mão direita é para ti motivo de escândalo, corta-a e atira-a para longe de ti, pois é melhor para ti que se perca um dos teus membros do que todo o teu corpo vá para a Geena». ³¹«Também foi dito: *Quem repudiar a sua mulher, dê-lhe um documento de divórcio*^[16]. ³²Mas Eu digo-vos: todo aquele que repudia a sua mulher – a não ser em caso de promiscuidade – faz com que ela incorra em adultério, e aquele que se casar com uma repudiada, comete adultério»^[17]. ³³«Também ouvistes que foi dito aos antigos: *Não jurarás em falso, mas cumprirás com os teus juramentos ao Senhor*. ³⁴Mas Eu digo-vos: não jureis de todo, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; ³⁵nem pela terra, porque é o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. ³⁶Nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar branco ou preto um só dos teus cabelos. ³⁷Mas seja a vossa palavra: "Sim, sim", "Não, não"; o que for além disto vem do Maligno».

10. Citação das leis apodíticas (máximas incontestáveis) de Ex 20, 13 e Dt 5, 17.

11. Para o sinédrio, cf. 2, 4 nota. O insulto raqa parece ser uma transliteração do aramaico reyqa': cf. Sir 34, 21.

12. Lit.: será réu para a Geena do fogo.

13. A expressão hebraica Gē-ben-hinnom (Vale do Filho de Hinom) ou o aramaico gey-hinnam darão origem à palavra Geena, um vale situado a oeste e sudoeste da colina de Jerusalém. Era o lugar onde uma fogueira ardia de modo permanente, a fim de queimar os lixos da cidade de Jerusalém. Era o oposto do lugar paradisíaco do jardim das delícias na literatura intertestamentária (cf. 4Esd 7, 36; 1Hen 90, 26).

14. Ex 20,17. Esta radicalidade encontra eco no judaísmo palestinese e na própria literatura sapiencial: Sir 26,9.11; TestIss 7,2; SlSal 4,4; TestBenj 8,2; mKel 1; LevR 23,122; Jub 20,4; 1QS 1,6; bYoma 29; mas também existe uma exegese rigorista do sexto mandamento na literatura peritestamentária.

15. Jesus usa aqui Dt 25,11-12 para alertar para as consequências do pecado. Esta forma hiperbólica de expressar uma ideia era uma técnica muito usada na antiguidade para a gravar na memória dos ouvintes.

16. No tratado sobre o divórcio na Michná (recolha escrita da tradição oral judaica, no final do séc. II d.C.), estão atestadas as posições mais ou menos livres da tradição judaica representada nas escolas de Chamai e de Hillel (cf. mGitt 9,10), para as quais o mais pequeno motivo era razão suficiente para repudiar a mulher. Jesus não só se opõe radicalmente à banalização do get (o libelo de divórcio), como ao divórcio per se.

17. Jesus coloca em causa aqui o princípio da Torá oral mais tarde incorporada no Pentateuco (Dt 24,1-4), de que os fariseus tantas vezes se serviam para justificar a sua prática da expulsão da mulher e sobrepor este texto a Lv 18,6-18.20. Este tema será retomado em 19,1-9.

Desenvolvamos:

1. Acima ficou a explicação do significado de Geena. Já o tínhamos feito neste separador de Formação Bíblica. Mas tem de ficar definitivamente claro o que Mateus nos quer dizer com a relação entre o homem/humano (a verdadeira humanidade) e a lixeira-Geena (o destino do que não presta). Mal andaríamos, se pensássemos que Jesus de Nazaré quis mostrar e converter os seus apóstolos e discípulos ao Reino de Deus, através de ameaças do tipo: ou aceitas ou vais para a condenação eterna no inferno. Jamais. Geena (não inferno) era uma palavra do dia a dia do povo da palestina. Geena era um lugar. Era a lixeira da cidade e fundamentalmente do Templo, onde eram queimadas pelo fogo, que nunca se apagava, para garantir a destruição de milhares de carcaças dos animais que tinham sido utilizadas nos sacrifícios (veremos abaixo a diferença entre holocaustos e sacrifícios).

O que Jesus nos queria dizer, quando se refere a Geena/lixeira na encosta do Monte Sião, era:

- Há maneiras de viver, de fazer o nosso dia a dia, que ao fim do dia não servem para nada: é lixo;
- A forma como hoje vivi não tem nada para aproveitar - é lixo, uma vida sem sentido;
- Não façais o que não serve para nada, senão para deitar ao lixo;
- Se o teu gesto usando a tua mão não leva a nada, em vez de te humanizar te desumaniza, corta-a e deita-a ao lixo;
- Se o teu pé não te conduz a nada, corta essa opção, corta essa oportunidade, estás a “perder o pé” que vai levar-te para o nada, deita-o ao lixo;
- Se o teu jeito de olhar o outro em vez de te humanizar te desumaniza, corta esse olhar, esses olhos, deita-o(s) ao lixo. Corrige o olhar para outro olhar, o olhar que vê o Reino de Deus ao jeito de Jesus;
- Etc.

2. E qual é o segredo que nos revela Jesus de Nazaré para que a nossa vida não acabe na lixeira?

A reconciliação – o irmão/o ser humano **PRIMEIRO**.

Vai PRIMEIRO, em primeiro lugar, absolutamente, faz o que dá sentido à vida para que a vida não acabe na geena/lixeira. Secundariza (coloca em segundo lugar tudo o resto). Faz as pazes com o teu irmão, dá absoluto valor ao humano e depois preocupa-te com o culto;

Procurai PRIMEIRO – procura o importante – tem cuidado com o PÉ (vê por onde andas), com a MÃO (que gestos fazemos/desenvolvemos), com O(S) OLHO(S) (qual o jeito como olhamos)

Se os PÉS se dirigirem PRIMEIRO para o ser humano/irmão – não irás para a lixeira;

Se as MÃOS se dirigirem PRIMEIRO para o ser humano/irmão – não irás para a lixeira;

Se os OLHOS se dirigirem PRIMEIRO para o ser humano/irmão – não irás para a lixeira;

“³³Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo.” (Mt 6.33).

Quando Jesus de Nazaré se abre a este Primeiro, a este absoluto, percebemos qual é o absoluto para Deus – a pessoa humana na sua plena humanidade.

E nós?

Se nos comportarmos assim, a vida tem sentido e não iremos, nunca, acabar no lixo. As mãos produzem gestos com valor, os pés põem-se a caminho do outro e os olhos, olham para o outro com humanidade e em primeiro lugar. Essa é a maneira de viver o Reino de Deus já aqui e agora.

Nota:

Diferença entre holocausto e sacrifício.

Do culto judaico, entre outros ritos, constava a oferta de holocaustos e sacrifícios ao Deus Yahvé.

Falamos em holocaustos, quando o fogo consumia todo o animal oferecido. A destruição era total;

Falamos em sacrifícios no caso em que os animais eram degolados, o sangue oferecido no altar e o animal desfeito em três partes:

- Parte era oferecida aos sacerdotes;

- Parte era entregue à família ofertante para que, em convívio e festa, a comessem. Daí o termos de perceber a alegria convivial de “o sacrifício” e que tantas vezes é tão mal-entendido;
- A carcaça do animal era lançada na geena – lixeira da encosta do Monte Sião.

3. O Divórcio e o Repúdio

É importante explicar o porquê da diferença entre o texto do Evangelho de Marcos e Mateus sobre o mesmo tema. De facto, em termos do texto, os dois relatos são diferentes (abordagem no quadro da abordagem formal). E tinha de ser assim, pois os 2 evangelistas escrevem em tempos diferentes e distanciados cerca de 20 anos (Marcos primeiro) e para comunidades totalmente distintas. Marcos para pagãos vivendo no quadro da lei e da cultural do império romano. Mateus escreve para judeus convertidos a Jesus de Nazaré. Onde estão as diferenças formais, que não no quadro do espírito da mensagem trazida por Jesus de Nazaré? Novamente a diferença entre o legalismo e a compreensão do espírito da lei. (ver Reflexão X – reflexão anterior). Vejamos então as diferenças no texto:

Mc 10, 1-12

¹Levantando-se dali, foi para a região da Judeia, na outra margem do Jordão. De novo se aglomeravam multidões junto dele e de novo as ensinava, como costumava fazer. ²Aproximando-se, uns fariseus perguntaram-lhe, para o pôr à prova, se é permitido a um homem repudiar a sua mulher. ³Respondendo, Ele disse-lhes: «Que vos ordenou Moisés?». ⁴Eles disseram: «Moisés permitiu escrever uma declaração de repúdio e repudiar»^[1]. ⁵Jesus, porém, disse-lhes: «Foi por causa da dureza do vosso coração que ele vos escreveu essa regra. ⁶Mas, desde o princípio da criação, Ele os fez macho e fêmea^[2]; ⁷por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe, unirá-se à sua mulher ⁸e serão os dois uma só carne^[3], de modo que já não são dois, mas uma só carne. ⁹Portanto, o que Deus uniu, não separe o homem». ¹⁰De novo em casa, os discípulos interrogavam-no acerca disto, ¹¹e Ele disse-lhes: «Aquele que repudiar a sua mulher e casar com outra comete adultério contra ela; ¹²e se ela, repudiando o seu marido, casar com outro comete adultério»^[4].

1. Dt 24,1-4.
2. Gn 1,27.
3. Gn 2,24. Alguns mss. não apresentam unirá-se à sua mulher: pode ser acrescento do copista para melhor se conformar com o texto completo de Gn 2,24.
4. Atualização das palavras de Jesus (Mt 5,32) para o contexto greco-romano (no mundo hebraico a mulher não podia repudiar o marido).

Mt 5, 31-37

³¹«Também foi dito: *Quem repudiar a sua mulher, dê-lhe um documento de divórcio*^[1]. ³²Mas Eu digo-vos: todo aquele que repudia a sua mulher – a não ser em caso de promiscuidade – faz com que ela incorra em adultério, e aquele que se casar com uma repudiada, comete adultério»^[2]. ³³«Também ouvistes que foi dito aos antigos: *Não jurarás em falso, mas cumprirás com os teus juramentos ao Senhor*. ³⁴Mas Eu digo-vos: não jureis de todo, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; ³⁵nem pela terra, porque é o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. ³⁶Nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar branco ou preto um só dos teus cabelos. ³⁷Mas seja a vossa palavra: "Sim, sim", "Não, não"; o que for além disto vem do Maligno».

16. No tratado sobre o divórcio na Michná (recolha escrita da tradição oral judaica, no final do séc. II d.C.), estão atestadas as posições mais ou menos livres da tradição judaica representada nas escolas de Chamai e de Hillel (cf. mGitt 9,10), para as quais o mais pequeno motivo era razão suficiente para repudiar a mulher. Jesus não só se opõe radicalmente à banalização do get (o libelo de divórcio), como ao divórcio per se.

17 Jesus coloca em causa aqui o princípio da Torá oral mais tarde incorporada no Pentateuco (Dt 24,1-4), de que os fariseus tantas vezes se serviam para justificar a sua prática da expulsão da mulher e sobrepor este texto a Lv 18,6-18.20. Este tema será retomado em 19,1-9.

a) O que era o repúdio/ divórcio no tempo de Jesus?

Jesus de Nazaré não está a falar do divórcio como o conhecemos hoje. Como o resultado de uma total indisponibilidade para o amor. E isso, para quem projetou uma vida em comum, é extremamente doloroso. Mas vezes há, algumas vezes acontece, que é um fim de linha. Com dor teremos de aceitar o fim da relação indissolúvel antes pensada. O divórcio é sempre causador de sofrimento.

Mas no caso presente falamos de outra coisa. Recordemo-nos do que Jesus de Nazaré vem dizendo nesta homilia: ouviste o que disseram os antigos? ... Mas eu digo-vos... E disse.

E os 2 evangelistas, aqui em comparação, escrevem o que Jesus de Nazaré disse aos doutores da lei (fariseus) que o procuravam testar. O homem não pode divorciar-se/repudiar a sua mulher, diz Jesus de Nazaré.

Situemos esta discussão, certos de que estamos numa cultura patriarcal, machista. Há cerca de 2000 anos várias escolas rabínicas colocavam a questão teológica do repúdio/divórcio. E de maneiras muito distintas. Para uma escola, o repúdio só era aceitável se a mulher cometesse adultério. Para outras, bastava que a mulher deixasse de ser agradável ao marido ou deixasse a comida estragar. Em qualquer dos casos a mulher repudiada ficava no fim dos últimos. Era pior que leprosa. Era “uma coisa”. Era o fim da linha para a sua existência.

O casamento naquela época e cultura era um contrato. A questão do casamento por amor é coisa recente. Naqueles tempos, o pai era o dono da filha e o marido era o dono da esposa. Este “comprava” a mulher àquele a troco de “gado” ou outras propriedades. No diálogo de Jesus de Nazaré com os doutores da lei, Ele está a fazer a defesa dos últimos, uma defesa radical de quem é atirada para a “vala comum”.

E como faz Jesus essa defesa? Vejamos em Marcos

- b) Marcos completa muito bem o que Mateus não diz. Vejam-se os versículos 5 a 10 acima. Jesus de Nazaré vai às origens. Jesus não entra na desumanidade dos homens – vai à origem da CRIAÇÃO – Deus criou-os homem e mulher e deu-lhes o jardim do Éden. O homem e a mulher deixarão pai e mãe e serão um só..... Portanto, o que Deus uniu não separe o homem. Este é o projeto de Deus, o sonho do Pai, do *Abba*, que Jesus de Nazaré converte no Seu programa para vermos já hoje a acontecer o Reino de Deus. Qualquer outro esquema ou comportamento é contrário à vontade de Deus.
- c) Mais uma pista: Jesus gostava de estar em casa de irmãos. Assim, há relatos que conhecemos da tranquilidade que encontrava Jesus de Nazaré, em Betânia (que significa em hebraico – casa do pobre), na casa de Lázaro, Marta e Maria. Eram irmãos. E isso garantia, naquela cultura, que ali não havia donos nem proprietários de pessoas. Ali não havia pai nem marido;
- d) No Evangelho de Marcos sobre este tema, encontramos, ainda, um acrescento que tem de ser explicado. Uma diferença na parte final do excerto citado em Marcos - ver acima os versículos 10,11 e 12 - sobre o tema do repúdio/divórcio. Teremos de perceber o seu conteúdo sem contradições. Marcos escreveu para pagãos onde vigorava a lei do império romano. A cultura também é diversa - cultura romana. E, se na lei e cultura hebraica, o homem era o dono e a mulher a serva, para a lei do império romano, tanto o homem como a mulher poderiam pedir o divórcio em caso de adultério.
- e) Em conclusão, recordemos o que Jesus de Nazaré já nos havia recordado: Eu vim, não para abolir a lei, mas para lhe dar pleno cumprimento. Não a lei pela lei mas, o espírito da lei querido por Deus, o Criador.

A homilia continua....

Reflexão baseada em propostas do P. Rui Santiago, CSSR

Apoio bibliográfico:

Papa Francisco, D. António Couto, Ariel Álvarez Valdés

Citações:

Os Quatro Evangelhos e os Salmos – CEP